

ABORDAGENS CONCEITUAIS DE INFORMAÇÃO APLICADAS ÀS ACEPÇÕES DE INTELIGÊNCIA

Francisco Luziario de Sousa*

Resumo

Recorda o exame etimológico do termo Informação e apresenta uma revisão conceitual deste vocábulo a partir das abordagens propostas por Wersig e Neveling (1975), dentre outras contribuições multidisciplinares que fundamentam a Ciência da Informação. Apresenta três acepções atuais para o termo Inteligência e evidencia o inter-relacionamento conceitual entre Informação e Inteligência. Sugere a aplicação das abordagens conceituais do termo Informação, segundo a visão de Wersig e Neveling, às acepções do termo Inteligência. Por fim, analisa cada uma destes enfoques sob o aspecto estático ou dinâmico, conforme cada abordagem.

Abstract

Recalls the etymological examination of the term Information and presents a conceptual review of this word, from the conceptual approaches and proposals of Wersig Neveling (1975) among other multidisciplinary contributions that underlie Information Science. Presents three current meanings for the term intelligence. It shows the conceptual interrelationship between information and intelligence. Exercising the application of conceptual approaches of the term information, according to the vision and Wersig Neveling, to the meanings of the term intelligence, and analyzes each of these approaches under the aspect static or dynamic, as each approach.

Informação e Inteligência – Origem e definição

No meio acadêmico, o estudo dos temas informação e inteligência são afetos, principalmente, à Ciência da Informação – CI. Dentro da CI, a busca pela etimologia do termo informação (*information*, em inglês) remete ao artigo *The concept of Information* (CAPURRO & HJØRLAND, 2003), baseado nos estudos de Seiffert (1968) e Schnelle (1976), onde se sugere que os verbetes *informatio* e *informo*, mencionados em diversos textos do latim, tenham raízes

gregas (*eidos*, *morphe* e *typos*). Segundo estes autores, *informatio* e *informo* significam, respectivamente, “dar ou levar conhecimento” e “moldar ou formar algo”. A partir da junção dos significados destes dois verbetes latinos, considerando a essência verbal de cada um (levar, moldar e formar), pode-se formular conceito livre para a palavra informação. Assim, informação seria “ato de levar conhecimento (ou ciência) para moldar (ou formar) algo (a mente)”.

* Mestrando do Curso de Ciência da Informação na Universidade de Brasília.

O dicionário Oxford (2013) registra, em sua versão online, três definições para o vocábulo *information*, as quais, em tradução livre para o português, seriam:

1. Fato **provido** ou aprendido sobre algo ou alguém;
2. O que é expresso ou **representado** por arranjo particular ou sequência de coisas;
3. Dados computacionais processados, armazenados ou **transmitidos** por computador.

Observa-se que, além da similaridade gráfica do vocábulo com seus predecessores no latim, as definições dicionarizadas endossam este parentesco pela proximidade semântica entre o descendente (*information*) e seus antecedentes (*informatio* e *informo*). Pois as três acepções referidas pelo Oxford, que têm por base os verbos “prover”, “representar” e “transmitir”, estão alinhadas com as significações latinas, baseadas nas expressões “levar conhecimento” e “formar algo”.

Belkin (1978) sugere que se busque uma conceituação do termo informação em vez de uma definição, pois a conceituação permite boa elasticidade conforme o enfoque ou ponto de vista do interpretador (BELKIN apud YOVITS, 1978), ou seja, propõe-se o emprego de diferentes abordagens conceituais. Neste sentido, Brookes (1980), em *The Foundations of Information Science*, oferece um conceito generalista e filosófico do termo, onde “informação é uma entidade que permeia a atividade humana”. Este conceito de

informação, a despeito do aspecto polissêmico deste vocábulo, encontra consenso acadêmico sob o ponto de vista dos aspectos subjetivos e objetivos.

[...] a outra acepção refere-se à inteligência como a “atividade de pessoas ou organizações (civis ou militares) responsáveis pela obtenção e coleta de informação para uso específico.

Segundo o Dicionário Etimológico etymonline.com (HARPER, 2008), as raízes do termo Inteligência (*intelligence*, em inglês) também apontam para duas palavras no latim: *intelligere* e *inteligens*. A primeira, o verbete *intelligere*, formada a partir da junção dos vocábulos latinos *íntus* (dentro) e *lègere* (recolher, escolher, ler) teria o significado é inteligir, entender, compreender. A segunda palavra (substantivo *inteligens*) significaria “intelecção”, “capacidade de ler dentro da ação”, “compreender dentro”. Inteligência, sob um prisma da filosofia, seria a “faculdade que a alma tem de formar ideias gerais, após tê-las criticado e distinguido por meio do juízo” (tradução livre).

No dicionário Oxford (2012) há duas acepções para o termo ‘*intelligence*’ (inteligência, em português). A primeira entende que inteligência seja “uma faculdade mental (aptidão), uma habilidade de adquirir e aplicar conhecimento”; a outra acepção refere-se à inteligência como a “atividade de pessoas ou organizações (civis ou militares) responsáveis pela obtenção e coleta de informação para uso específico”.

Informação – Abordagens Conceituais

Uma vez que a abordagem conceitual possibilita o exercício sob diversos pontos de vista de certo tema, surgem advindas dos diversos colaboradores da Ciência da Informação, várias abordagens conceituais acerca do termo informação. Dentre várias, destacam-se as visões conceituais de Wersig e Neveling (1975), que sugerem seis tipos de abordagens de 'informação' com base na estrutura geral de relações entre homens e mundo:

- (1) **Abordagem Estrutural**, orientada para a matéria, afirma-se que a informação está constituída de forma autônoma nas estruturas da natureza e pode ser apreendida ou não pelo ser humano. Uma instância dessa abordagem é apresentada em *Information as Thing* (BUCKLAND, 1991), que sugere a materialização da informação em coisas (coisificação) potencialmente informativas: dados, textos, documentos e objetos. Nessa linha, a informação está contida numa evidência material de forma autônoma podendo ser apreendida ou não.
- (2) **Abordagem do Conhecimento** entende que o conhecimento elaborado à base da percepção das estruturas da natureza é informação. Nesta linha, o conhecimento pode ser realizado ou não e se dá objetivamente, devendo ser adquirido por um sujeito e servindo a um fim específico. Esta abordagem parece ser a mais aceita entre os preocupados com a teoria da decisão, na qual uma decisão é freqüentemente vista como o processo de preencher lacunas de 'conhecimento' ou 'informação'.
- (3) **Abordagem da Mensagem**, sob a influência da teoria matemática da comunicação, 'informação' é freqüentemente usada como sinônimo de 'mensagem', uma vez que o conteúdo da informação é medido pela mensagem. Essa abordagem, também mencionada como Abordagem Angelética (CAPURRO, 2005) em alusão aos anjos mensageiros da mitologia, tem o foco no objeto transmitido, que neste caso é denominado 'mensagem' e não 'informação'.
- (4) **Abordagem do Significado** é entendida como uma derivação característica da abordagem orientada para a mensagem em que somente o significado da mensagem é tido como 'informação'.
- (5) **Abordagem do Efeito** é voltada para o receptor e para o processo de comunicação, em que 'informação' somente ocorre como um efeito específico de um processo, sendo ainda a mediadora do processo, que pode ser, por exemplo, a transmissão ou abstração do conhecimento ou a redução de incerteza.
- (6) **Abordagem do Processo** tem duas vertentes, uma considera que informação é o próprio processo, desta forma "informação [...] seria um processo que ocorre dentro da mente humana quando são colocados numa união produtiva um problema

e os dados úteis para sua solução” (KOBLOITZ, 1968, p.36), a outra vertente entende que informação é um componente dos processos. Um exemplo desta vertente é a Teoria do Conhecimento, que entende a informação em etapas: DADO - informação em seu estado bruto, comumente concebido como matéria-prima para a informação propriamente dita; INFORMAÇÃO, que é o dado após sofrer processo de transformação; e CONHECIMENTO, que é a abstração ou interpretação resultante da organização da informação de forma lógica e suficiente para entender um fenômeno com suas causas e efeitos.

Inteligência: Três Acepções Atuais

(1) **Inteligência como Aptidão** pressupõe uma capacidade ou habilidade da qual se possa fazer uso para solver dificuldades de diversas ordens, estando implicitamente relacionada ao *intellectus* (capacidades cognitivas), seja na resolução de problemas lógicos ou no entendimento e abstração de situações complexas. Esta acepção se equipara semanticamente ao vocábulo latino *inteligens*, uma vez que ambos, inteligência como aptidão e o vocábulo *inteligens*, carregam o sentido de intelecção. Por vezes a palavra inteligência é empregada nesta acepção, de forma adjetivada, de maneira figurada, prosopopéica mesmo; situações que sugerem características humanas a objetos, como se estes fossem dotados de pensamento e raciocínio, por exemplo: Elevador inteligente, carro inteligente, dispositivo inteligente.

Outro exemplo do emprego de inteligência nessa acepção é o chamado Quociente de Inteligência – Q.I. (*intelligence quotient*, em inglês). Originalmente cunhado pelo filósofo alemão Willian Stern, esse índice baseia-se na aplicação de um conjunto de testes cognitivos padronizados para indicar, por meio de um quociente numérico, o potencial intelectual do indivíduo. Esta concepção de inteligência, enquanto aptidão e habilidade, extrapolou a filosofia e chegou à psicologia dando origem à chamada Inteligência Emocional, o índice de Quociente Emocional - Q.E., em alusão ao Q.I. O primeiro uso do termo “inteligência emocional” é geralmente atribuído a Wayne Payne, em 1985, por ocasião de sua tese de doutoramento; mas o tema ganhou maior notoriedade por meio do livro “Inteligência Emocional” (GOLEMAN, 1995).

Ainda nesta acepção de inteligência, um terceiro e novo conceito está em voga: Inteligência Espiritual. No livro “QS - Inteligência Espiritual” (ZOHAR, 2011), a autora sustenta que os indivíduos com esta habilidade são capazes de usar seu lado espiritual para ter uma vida mais rica e mais cheia de sentido.

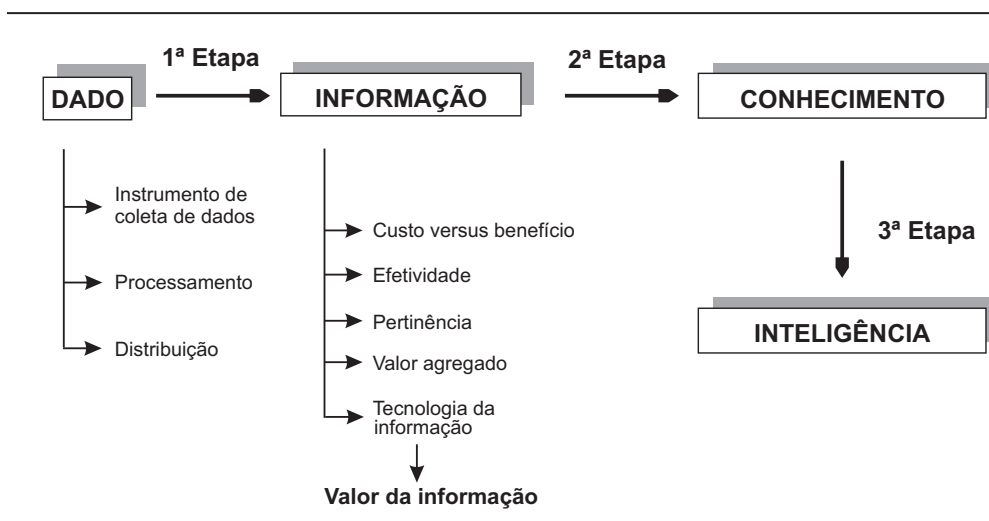
(2) **Inteligência como Atividade de Informações** está semanticamente alinhada ao verbete latino *intelligere*, pois ambos carregam o sentido de atividade ou serviço de informações. Um bom exemplo desta acepção foi a adoção do termo “inteligência” referindo-se aos antigos serviços

de informação de estado. No âmbito do Brasil, este fato é evidenciado pela adoção do nome Agência Brasileira de Inteligência – ABIN em substituição ao Serviço Nacional de Informações - SNI. Empregando esta acepção de inteligência, a ABIN oferece sua definição para termo: “[...] conjunto de ações sistemáticas e integradas que objetivam a obtenção, análise e disseminação de conhecimentos sobre fatos e situações de imediata ou potencial influência sobre o processo decisório organizacional ou governamental e sobre a salvaguarda e a segurança da sociedade e do Estado” (FERNANDES, 2006). Por mais óbvio que pareça, é interessante observar que inteligência, nessa acepção, ou seja, inteligência como atividade de informações pressupõe a existência e a utilização de inteligência como aptidão (capacidade cognitiva), uma vez

que as ações inerentes à atividade de inteligência, tais como seleção, coleta, organização e análise de informações, entre outras ações, requerem necessariamente aptidão, habilidade e capacitação, aspectos da cognição humana.

- (3) **Inteligência como Informação de Alto Valor** não está dicionarizada, mas pode ser encontrada na literatura da Ciência da Informação. Nesta visão, sugere-se que inteligência esteja no topo da escala de valor das etapas de transformação da informação. Onde INTELIGÊNCIA é entendida como uso efetivo e oportuno do CONHECIMENTO, que é produzido a partir do valor agregado à INFORMAÇÃO (efetividade, pertinência, custo x benefício), que advém da coleta, seleção e processamento de DADO em estado bruto, conforme ilustrado na figura seguinte:

Etapas na geração de conhecimento e inteligência



Fonte: Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação
TARAPANOFF, ARAÚJO JÚNIOR, CORMIER, 2000.

No uso coloquial, dentre as três acepções mencionadas, prevalece a acepção de **Inteligência como Aptidão**, no entanto o emprego dessa acepção não se restringe ao âmbito da cognição do indivíduo, mas sugere um conhecimento coletivo. No tocante ao indivíduo, por exemplo, a Teoria das Inteligências Múltiplas (GARDNER, 1983) sugere a existência de muitas aptidões e habilidades, nominalmente reconhecidas apenas como “inteligência”. No que tange ao coletivo, o conceito de “inteligência coletiva” parece ser o melhor exemplo: “Inteligência Coletiva é uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 1993).

No entanto, a adoção do termo inteligência na acepção de **Inteligência como Atividade de Informações** vem se intensificando na mídia e no meio corporativo. Nas grandes instituições privadas ou mistas, é comum a existência de uma área, ou mesmo uma pequena equipe conhecida com Núcleo de Inteligência Competitiva, que é a fração institucional com o propósito de desenvolver a atividade de Informações (“Inteligência”) com a finalidade de apoiar a alta administração e de subsidiar o planejamento estratégico. No âmbito do Estado, seja na instância federal, estadual ou municipal, a atividade de Inteligência vem ganhando maior notoriedade tanto no seguimento de segurança pública como no apoio às decisões governamentais e às políticas públicas.

Considerações finais

As acepções de ‘inteligência’ estão intimamente ligadas ao conceito de ‘informação’ e ‘conhecimento’, pois estes dois elementos estão presentes nas três acepções apresentadas. Essa íntima relação também pode ser verificada no exercício de aplicação das abordagens conceituais do termo informação, segundo Wersig e Neveling (1975), às acepções de inteligência, permitindo ainda, neste contexto, identificar a predominância de uma ou mais destas abordagens. Assim, vejamos.

A acepção de **inteligência como aptidão** está ligada ao conhecimento de seu detentor e à sua capacidade de utilizá-lo. Esta acepção tem uma significação estática ou latente, pois remete ao sentido de uma habilidade potencial que pode, ou não, ser utilizada num certo momento. Nesta instância, identifica-se a predominância da **Abordagem Estrutural**.

A acepção de **inteligência como atividade de informações** está ligada à informação e ao conhecimento, trazendo uma significação dinâmica, uma vez que predomina o sentido de atividade, explicitada por meio dos verbos de ação, para transformar informação em conhecimento. Nesse exercício, predomina a **Abordagem do Efeito**.

A acepção de **inteligência como informação de alto valor** está ligada ao conhecimento e sua significação é estática, pois, mesmo tendo de cumprir as “Etapas de Geração de Conhecimento e Inteligên-

cia” (TARAPANOFF; ARAÚJO JÚNIOR; CORMIER, 2000) para atingir o topo da escala de valor (inteligência é a informação de mais alto valor), inteligência nessa acepção é uma condição (*status*) do conhecimento enquanto informação. Assim, predominam duas abordagens: A **Abordagem do Processo**, uma

vez que é o processo de agregação de valor que assegura que a informação de alto nível gere conhecimento; e a **Abordagem do Efeito**, pois é o efeito potencial do uso de conhecimento específico que retroalimenta o processo de agregação de valor desencadeado a partir da informação.

Referências

- BELKIN, N. J. Information concepts for information science. *Journal of Documentation*, London, v. 34, n.1, p. 55-85, mar. 1978.
- BROOKES, B.C. The foundations of information science. *Journal of information Science*, n. 2, p. 125-133, 1980.
- BUCKLAND, Michael K. Information as thing. *Journal of the American Society for information Science*, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.
- CAPURRO, Rafael; HJØRLAND Birger. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5., Belo Horizonte, 2003. *Anais*. Belo Horizonte, 2003.
- FERNANDES, Fernando do Carmo. Inteligência ou Informações? *Revista Brasileira de Inteligência*, Brasília, v. 2, n. 3, p. 7-21, set. 2006.
- GARDNER, Howard. *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*. New York: Basic Books, 1983.
- HARPER, Douglas et al. *Online Etymology Dictionary*. Lancaster, PA, 2008. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 13 abr. 2013.
- KOBLITZ, J. Information und documentation; als teilgebiet der wissenschaftlinchen information. *ZIID-Zs*. v.16, n.1, p. 36-43, 1968.
- MATHEUS, Renato F Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 140-165, jul./dez. 2005.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*; tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993. 208p.
- OXFORD dictionaires online. Oxford, UK: Oxford University, c2013. Disponível em: <<http://oxforddictionaries.com/definition/english/information?q=information>>. Acesso em: 13 abr. 2013.
- TARAPANOFF, Kira; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Herique de; CORMIER, Patricia Marie Jeanne. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, 2000.
- WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to Information science. *Information Scientist*, v.9, n.4, p. 127-140, dez. 1975
- ZOHAR, Danah; MARSHAL, Ian. *QS - Inteligência Espiritual*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record, 2011. 352 p.